

A “BÊNÇÃO” DO ALMIRANTE ÁLVARO ALBERTO

OTHON LUIZ PINHEIRO DA SILVA*
Vice-Almirante (Ref² -EN)

O dia 2 de setembro de 1974 foi diferente no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro: começou inquieto, nervoso. A atmosfera era de muito orgulho e ufanismo, pois ocorreria o lançamento da Fragata *Independência*, até então o maior lançamento de navio da história do Arsenal. Na mente e no coração de seus funcionários mais velhos, o evento marcava o retorno aos dias de grandeza vividos na década de 1930.

Naquela década, com a competente direção do Almirante Régis Bittencourt, unido com o apoio do Presidente Getúlio Vargas, foi estruturado o Arsenal, um moderno e formidável parque industrial, integrado para apoiar a Esquadra

e construir navios e que ajudaria também no nascimento de indústrias, no então incipiente e inicial cenário de modernização do País.

Quando o Arsenal começou a operar, ainda não existia a Companhia Siderúrgica Nacional, porém já havia nos seus fornos elétricos a capacidade de produção de peças de aço de alta qualidade fundidas e lingotes com até 14 toneladas, bem como a forja de peças pesadas, na prensa de 3 mil toneladas. No Ar-

Na década de 1930, o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro estava à frente de qualquer outra indústria metal mecânica na América Latina

senal funcionou o primeiro espectrômetro em operação no Brasil. A capacidade de realizar análises químicas de materiais era equivalente à dos melhores laboratórios de metalurgia no mundo. Havia também a

* N.R.: Presidente da Eletronuclear.

capacidade para produzir peças de ligas não ferrosas, e nos seus fornos de indução foram produzidas as primeiras peças brasileiras de aço inox. Produzir ou não aço é fator determinante na capacidade de defesa de um país.

Na década de 1930, o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro estava à frente de qualquer outra indústria metal mecânica na América Latina. Lá foram produzidos muitos equipamentos para a formação da nascente indústria brasileira.

Antes de 1930 o Brasil era uma sociedade agrícola que aceitava o “pacto colonial”. Produzíamos café e produtos primários e importávamos todos os produtos industrializados, até latrinas. A revolução de 1930 viera para mudar o País – e realmente mudou –, e o Arsenal estava na vanguarda das transformações.

Retornando ao 2 de setembro de 1974, o dia do lançamento de uma moderna fragata que sinalizava o retorno à “época de grandeza”. O Almirante Januzzi, com sua objetividade, comandou aquele renascimento.

Eu, então chefe da Divisão de Obras Novas, responsável pela coordenação daquele que seria o maior programa de construção naval militar do pós-guerra, capitão de corveta, tinha 35 anos de idade, e sobrava em mim entusiasmo. Como responsável pelo lançamento da fragata, sentia muito orgulho, e não tinha a menor ideia de que mais tarde iria cursar engenharia nuclear. Acordei naquele dia como um atleta que vai participar de uma final de competição.

Na véspera, à tarde, em companhia do meu auxiliar, o Capitão-Tenente Engenheiro Naval (EN) Bokel, havíamos revisto e repassado cada detalhe da faina

de lançamento. Navegava com relativa tranquilidade no meio de duas correntes de preocupações que existiam. A primeira reportava-se à cerimônia do último grande lançamento que ocorrera no Arsenal, quando a madrinha fora a Sra. Alzira Vargas, filha do Presidente da República. O evento não foi bem-sucedido; o navio não deslizou e ficou dias engastado na carreira. A segunda preocupação se prendia ao receio de que, ao ser lançada, a fragata viesse a atingir o molhe de acesso à Ilha Fiscal, um evidente exagero.

Fez parte do programa da manhã, daquele dia 2, uma visita ao competente Capitão-Tenente (EN) Joel, que fizera os cálculos de lançamento. Para acalmá-lo, disse que havia visto seus cálculos e que tinha absoluta confiança neles. Ele havia

**A revolução de 1930
viera para mudar o
País – e realmente
mudou –, e o Arsenal
estava na vanguarda das
transformações**

sido acometido de forte estresse ao receber a ordem do seu superior, chefe do Departamento Técnico, para rever, pela enésima vez, os cálculos do lançamento. Na visita, lembrei-lhe que a responsabilidade do encarregado de lançamento era integral e

indivisível e que eu estava tranquilo.

Eu tinha profundo respeito, admiração e amizade por muitos mestres e operários antigos do Arsenal, dos quais ouvi muitas histórias e fatos do passado. Um deles, que era chamado pelo codinome de Cafanhaque, me incorporara ao seu ciclo de relacionamentos em 1967, quando fui chefe da fundição. Ele já não tinha mais parentes no Rio de Janeiro e era um tipo especial: o primeiro a chegar e o último a sair do Arsenal. Fumava um horrível cachimbo onde misturava fumo de rolo e arnica. Ao chegar de manhã, o Cafanhaque aguardava para me saudar, dizendo que eu

ficasse tranquilo, pois já havia passado pela carreira, em baixo da popa da Fragata *In-dependência*, dado “umas cachimbadas” e que afastara os maus espíritos. Poderíamos, então, ficar tranquilos. Convidei-o para um café e, evidentemente, agradei.

No final daquela manhã, revisamos os detalhes da cerimônia, e às 13 horas já estávamos na carreira onde a fragata descansava majestosa. A cerimônia contaria com a presença do Presidente Geisel, que havia tomado posse naquele ano. A madrinha do navio seria sua esposa, D. Lucy. O lançamento estava previsto para quando ocorresse o ponto máximo da maré, ou seja, depois das 15 horas.

Às 14 horas começaram a chegar as autoridades. Cerca de 14h40 chegou o Presidente da República. Logo a seguir, um coronel de sua comitiva, me vendo “manobrar”, me chamou e disse que o Presidente se antecipara, e que abreviássemos a cerimônia. Respondi-lhe que teríamos dois eventos, ou seja, a cerimônia propriamente dita e uma faina de engenharia, que era o lançamento do navio. A cerimônia, só o anfitrião, o diretor do Arsenal de Marinha, poderia abreviar. Quanto ao lançamento, em virtude das limitações de calado da bacia de lançamento, teríamos que utilizar o ponto mais alto da maré, o que dependia da lua. Só poderíamos antecipar a hora do lançamento se o coronel conseguisse “manobrar” com a lua. O coronel virou as costas e se retirou, realmente muito irritado. O meu chefe na época, Capitão de Mar e Guerra (EN) Mozart, preocupado, viera assistir ao diálogo

Em janeiro de 1978, o Almirante Maximiano da Fonseca determinou que eu fizesse um relatório analisando se poderia contar com a propulsão nuclear no País. O relatório foi analisado pelo Almirante Flores e aprovado pelo Almirantado

e, rindo, comentou: “Ele deu o azar de falar com um camarada muito irreverente”.

Logo a seguir, um senhor de cabeça branca sinalizava querendo falar comigo. Ao me dirigir a ele, mencionou que acompanhava o Almirante Álvaro Alberto, que estava numa cadeira de rodas ali próximo, e perguntou se eu poderia arranjar água ou refresco, pois fazia muito calor. Respondi ao senhor que daria um jeito. A seguir, determinei ao Primeiro-Tenente Baena: “Descubra uma jacuba e traga primeiro para mim, pois, se eu puder, eu mesmo irei servi-la. Já ouvi falar muito bem desse camarada”.

Chegou a jacuba, vi que poderia e, levando a bandeja pessoalmente, disse: “Almirante, sou o encarregado do lançamento, mas ouvi falar tão bem do senhor que resolvi trazer o refresco pessoalmente”. Naquela cadeira de rodas, ele olhou para mim e disse: “Muito obrigado, meu filho, muito boa sorte no lançamento, Deus te ilumine”.

O lançamento ocorreu com grandes emoções. Logo de início, a garrafa de champagne, acionada pela madrinha, não quebrou ao se chocar com o casco do navio, o que classicamente é considerado um sinal de mau agouro. Na hora aprazada, um dos gatilhos (o de boreste) que segurava o carro de lançamento onde repousava em terra o navio com todo seu peso não operou, nos pregando um grande susto. O Bokel fez a intervenção de emergência programada, e a fragata começou a deslizar pela carreira e foi lançada imponente no mar, dando alegria a todos os presentes, não sem antes jogar nossa adrenalina nos píncaros.

Naquele mesmo ano fui preterido para um curso de pós-graduação na Escola da Marinha americana em Monterrey, Califórnia. Ao saber da preterição, o Almirante Januzzi me chamou e sentenciou que ninguém que servisse com ele e trabalhasse da forma que eu trabalhava seria prejudicado. Afirmou que um ano na vida não teria tanta importância e que no ano seguinte eu escolhesse o curso e a escola de engenharia que bem entendesse.

Optei então por engenharia nuclear, no Massachusetts Institute of Technology – MIT. O Comandante Mozart Padilha de Souza me ajudou na argumentação. E quando voltei ao Brasil, em janeiro de 1978, o Almirante Maximiano da Fonseca determinou que eu fizesse um relatório analisando se poderia contar com a propulsão nuclear no País.

O relatório foi analisado pelo Almirante Flores e aprovado pelo Almirantado. No dia 8 de março de 1979, eu viajava para São

Paulo sem um centavo, sem um funcionário e cheio de disposição. Em 4 de setembro de 1982, fazíamos, no Instituto de Pesquisas Energéticas Nucleares, a primeira operação de enriquecimento de urânio em uma ultracentrífuga desenvolvida e completamente

fabricada no Brasil a partir de um projeto de concepção de minha autoria.

Aquele experimento sinalizou que estávamos no caminho certo para dominar todo o ciclo do combustível nuclear que daria sustentabilidade ao programa de propulsão nuclear naval e garantiria a contribuição nuclear para a matriz energética nacional, permitindo o aproveitamento da enorme reserva de urânio existente no território brasileiro.

Não tenho dúvidas de que o desenrolar dessas significativas e relevantes atividades não se deveu somente àquela equipe formidável e multi-institucional que conseguimos agregar, mas também – e sobretudo – à bênção do Almirante Álvaro Alberto.

Em 4 de setembro de 1982, fazíamos, no Instituto de Pesquisas Energéticas Nucleares, a primeira operação de enriquecimento de urânio em uma ultracentrífuga desenvolvida e completamente fabricada no Brasil a partir de um projeto de concepção de minha autoria

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Poder Nacional; Poder Marítimo; Poder Naval Brasileiro; Energia Nuclear; Submarino Nuclear; Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro; Construção Naval; Fragata;